

## Saussure e o Estudo das Vogais Indoeuropeias<sup>1</sup>

### Saussure and the Study of the Indo-European Vowels

Luiz Arthur Blamiris<sup>2</sup>  
Instituto Federal do Tocantins, Palmas, TO.

Daniel Marra<sup>3</sup>  
Instituto Federal do Tocantins, Palmas, TO.

**Resumo:** O trabalho de Ferdinand de Saussure no *Mémoire* sobre o Sistema Primitivo de Vogais nas Línguas Indoeuropeias é sua obra de mestrado, a qual foi publicada em 1878 quando o estudioso tinha 21 anos. No estudo, ele propôs a reconstrução de um estado arcaico do sistema vocálico do *indoeuropeu*, antes da dispersão das línguas. Saussure introduziu elementos diacrônicos no cerne de sua reconstrução, de modo que ele procede mais especificamente a uma série de estados, sem pesquisar datas absolutas, nem mesmo a sistematização destes estados (o que seriam estágios do *protoindoeuropeu*), o que ele chama de "período europeu", época em que os povos europeus falavam a mesma língua. Ele distinguiu subconjuntos que compartilham uma característica em particular, porém se abstém de quaisquer suposições sobre o mapa de migração da época. A noção de sistema é inseparável da dimensão diacrônica do fenômeno, da mesma maneira que a explicação não se baseia em uma série de correspondências entre o *protoindoeuropeu* e línguas indoeuropeias oficiais, mas dentro do *protoindoeuropeu*, com a definição do vocalismo como estrutura, com um sistema correspondente nos diferentes grupos que são advindos de uma série de bifurcações: línguas asiáticas (ou arianas), divididas em sânscrito e iraniano antigo x línguas europeias; grupo de línguas europeias do norte (germânico, eslavo, báltico e céltico) x grupo das línguas europeias do sul (grego, latim e armênio). Saussure não construiu apenas um sistema, mas pelo menos quatro: *protoindoeuropeu*, idiomas asiáticos, grupo das línguas europeias do norte e o grupo das línguas europeias do sul. Assim, encontramos, em fragmentos, partes importantes do sistema de línguas específicas. No estudo, não houve preocupação com a mudança como um processo, mas como resultado das mudanças, a correspondência não é uma língua, mas três grupos linguísticos. Ele nunca emitiu nenhum argumento, no máximo, probabilidades de verificação e semelhanças. Apenas a correspondência entre os sistemas em equilíbrio que o permite conjecturar sobre a antiguidade ou atualidade de oposições e não das formas. Saussure observa ainda que ao aproximar os sistemas fonológicos europeus, arianos, europeus do sul e do norte, grego e latim (em cada caso, a determinação não é realizada pela análise de uma língua, mas pela diferença entre dois idiomas ou grupos linguísticos), ele descobriu um conjunto de diferenças que são explicadas apenas pela presença, no *protoindoeuropeu*, de uma distinção presente no sistema antes de qualquer discrepância entre línguas. É necessário ressaltar que o objetivo principal do *Mémoire* são as múltiplas manifestações da vogal “a” indoeuropeia, e que as outras vogais foram analisadas apenas quando elas estavam ligadas aos fenômenos relativos ao “a” *indoeuropeu*.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Universidade Federal do Tocantins de Porto Nacional no II JPELL e XI Semana de Letras realizado de 16 a 18 de dezembro de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 2º período do curso de Letras do IFTO – *Campus* Palmas, email: [lablamires@hotmail.com](mailto:lablamires@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Letras e Linguística (UFG), professor do IFTO – *Campus* Palmas, email: [delmarra2004@hotmail.com](mailto:delmarra2004@hotmail.com)

**Palavras-Chave:** Saussure; Vogais indoeuropeias; *Mémoire*.

**Abstract:** The work of Ferdinand de Saussure in the Memoir on the Primitive System of Vowels in Indo-European Languages is his master's degree dissertation, which was published in 1878 when the scholar was 21 years old. In this study, he proposed the reconstruction of an archaic state of the Indo-European vocalic system, before the dispersion of the languages. Saussure introduced diachronic elements in the core of his reconstruction, that way he proceeds more specifically to a number of states, without researching absolute dates, not even the systematization of these states (which would be stages of the Proto-Indo-European), which he calls "European period", a time when the European peoples spoke the same language. He distinguished subgroups that share a particular characteristic, however refrains from any assumptions about the migration map at the time. The system concept is inseparable from the diachronic dimension of the phenomenon, the same way that the explanation is not based on a series of correspondences between the proto-Indo-European and the official Indo-European languages, but in the proto-Indo-European, with the definition of vocalism like structure, with a corresponding system in the different groups that came from a series of bifurcations: Asian languages (Aryans), divided into Sanskrit and Ancient Iranian x European languages; group of northern European languages (German, Slavic, Baltic and Celtic) x group of southern European languages (Greek, Latin and Armenian). Saussure not only built a system, but at least four: Proto-Indo-European, Asian languages, Northern European languages group and the group of southern European languages. Thus we find, in fragments, important parts of specific languages system. In the study, there was no concern about the change as a process but as a result of the changes, the correspondence is not a language, but three language groups. He has never issued any argument, at most, probabilities of checking and resemblances. Only the correspondence between the systems in balance allows him to conjecture about the antiquity or the contemporaneity of oppositions and not of the forms. Saussure also notes that when approaching the phonological systems, Europeans, Aryans, Southern and Northern Europeans, Greek and Latin (in each case, the determination is not performed by the analysis of a language, but the differences between two languages or language groups) he found a number of differences that are explained only by the presence in the Proto-Indo-European, a distinction in this system before any discrepancy between languages. It is necessary to emphasize that the main objective of the Memoir are the multiple manifestations of the vowel "a" Indo-European, and that other members were analyzed only when they were linked to the phenomena related to the Indo-European "a".

**Keywords:** Saussure; Indo-European vowels; *Memoir*.

**Submetido em 28 de fevereiro de 2016.**

**Aprovado em 26 de março de 2016.**

## **Introdução**

A obra de Ferdinand de Saussure concebida em seus tempos de estudante em Lípsia, na Alemanha, o *Mémoire* sobre o sistema das vogais nas línguas indoeuropeias (*Mémoire sur le système des voyelles dans les langues indo-européennes*) foi publicado em 1878, ao invés vez do que é indicado no livro, 1879 (LEHMANN, 1967). O estudo foi muito à frente de seu tempo. O método aplicado foi de reconstrução interna no *protoindoeuropeu*. Ele propôs a hipótese de que as vogais longas tinham se

desenvolvido a partir de vogais curtas mais coeficientes sonantes (*coefficients sonantiques*).

Em 1876, Saussure foi estudar na Universidade de Lípsia, onde se encontravam os maiores linguistas da época. É importante salientar que essa dissertação foi a tese de seu mestrado e ele a escreveu aos vinte e um anos, era inexperiente e não se sentia preparado para as aulas de filologia, nas quais havia discussões sobre línguas antigas. Apesar de ser fluente em Alemão, ele não se familiarizava com a cultura acadêmica alemã e em sua chegada em Lípsia, passava seu tempo com alunos suíços de língua francesa. Apesar das dificuldades, Saussure frequentou importantes cursos como o de Persa Antigo, Irlandês Antigo, Eslavo, Lituano e de História da Alemanha com os principais estudiosos do período (BOUISSAC, 2012, p. 44-45). A Neogramática, na época, era um novo movimento linguístico que ganhava força nesse período, enquanto a Gramática Comparada tornava-se obsoleta. Influenciado pelo contexto acadêmico e o trabalho de seus professores e colegas Saussure escreveu seu *Mémoire*.

O interesse principal de Saussure era a clarificação das relações de apofonias<sup>4</sup> das vogais no *indoeuropeu* em geral, e não apenas das raízes com vogais longas. É possível notar que a visão de Saussure sobre a linguagem como um sistema é evidente no próprio título do *Mémoire*. Para apresentar seu sistema, o estudioso organizou as teorias dos principais teóricos que haviam escrito sobre esse tema até então, para que em seguida ele apresentasse seu sistema.

### 1. Sistematização de Saussure das teorias de outros estudiosos

Saussure começa a análise das vogais indoeuropeias descrevendo o trabalho de Franz Bopp (1791-1867), pioneiro da Gramática Comparada. Do ponto de vista do linguista, Bopp e seus seguidores se limitaram a constatar que dentre as três vogais “a”, “e” e “o” nas línguas indoeuropeias, o ariano apresentava um “a” uniforme. O “e” e o “o” passaram por enfraquecimentos próprios aos idiomas ocidentais, o que para o “a” *indoeuropeu* único é relativamente recente. O trabalho de Bopp sobre as vogais indoeuropeias é baseado em pesos de vogais, como é elucidado no trabalho *The Study of*

---

<sup>4</sup> alternância entre a vogal “e” e a vogal “o” em certas raízes do indo-europeu, que explica divergências entre línguas indo-europeias (p.ex., grego *pous, podós* 'pé' e latim *pes, pedis* 'pé'), e tb. fenômenos dentro de uma mesma língua (p.ex., em latim *pes, pedis*, mas *repudiare*, onde *pu-* provém da mesma raiz do indo-europeu que o grego *podós*); *Ablaut*, inflexão.

*Indo-European Vocalism in the 19th century: From the beginnings to Whitney and Scherer (BENWARE):*

It is implied several times in Bopp's works that the equilibrium between vowels took effect only after the period of unity (i.e., Proto-Indo-European), and then principally in Sanskrit, although to some extent in Gothic and Greek. This meant that the sound changes in each of the other languages – Celtic, Latin, Lithuanian and Slavic – had to be accounted for by other sound laws, and for this the notion of intrinsic vowel weight *per se*, without reference to the equilibrium between the parts of the verb ... (1974, p. 32)<sup>5</sup>

Em seguida, o estudioso cita o trabalho de Ernst Curtius (1814-1896) em seu *Sitzungsberichte der Kgl. Sächs. Ges. der Wissensch* (1864) no qual Saussure reconhece que agregou à ciência o fato de que o “e” estava presente em todas as línguas europeias e que ele não se desenvolveu de maneira independente em cada uma delas. No entendimento de Saussure, Curtius partiu da ideia preconcebida de que na língua-mãe (*protoindoeuropeu*) havia apenas três vogais, o “a”, o “i” e o “u”, ele chegou à conclusão, de que todos os povos europeus passaram por um período comum, no qual todos falavam a mesma língua. Durante esse período, uma parte das vogais “a” estava – sob influência desconhecida – enfraquecida em “e” enquanto o resto persistia como “a”. Posteriormente, as línguas evoluíram separadamente, ocorrendo uma segunda cisão do “a” que produziu o “o”. No sul da Europa, entretanto, essa vogal surgiu antes do fim do período greco-italico, constatada na concordância do “o” nas duas línguas clássicas, igualmente no declínio dos temas masculinos em “-a” (*ἵππος = equos*).

Representação do sistema de Curtius segundo Saussure:

<i>Indoeuropeu</i>	a	ā
Europeu	a; e	ā
Período posterior	a, o; e	ā

Segundo Saussure, August Fick (1833-1916), na obra *Die ehemalige Spracheinheit der Indogermanen Europas* (1873), reproduz em grosso modo o sistema

<sup>5</sup>Está implícito várias vezes nas obras de Bopp que o equilíbrio entre vogais se efetivou somente após o período da unidade (i.e., proto-indo-europeu), e, em seguida, principalmente em sânscrito, embora de certa forma em gótico e grego. Isto significava que o som mudava em cada uma das outras línguas - céltico, latim, lituano e eslavo - teve que ser representado por outras leis sonoras, e devido a essa noção intrínseca de peso das vogais por si só, sem referência ao equilíbrio entre as partes do verbo ...

de Curtius. Ele constata que na concepção de Fick, o antigo “a” se dividiu durante o período europeu (época em que os povos da Europa falavam um único idioma) em “a” e em “e”. Quando uma palavra apresentava “e” em todas as línguas, é necessário supor que a mudança de som do “a” em “e” data desta época. O contrário aconteceu com “a” ou “o”, ocorreu apenas em uma língua, é necessário para Saussure, partindo do raciocínio de Curtius, admitir que o “a” subsistiu ainda na época em que as pessoas viviam na Europa em pequenas comunidades. A apofonia do grego *δέρκομαι* tornando-se *δέδορκα*, e sobre tudo a do germânico *ita* tornando-se *at* ele considera estas admiráveis utilizações da cisão do “a”

Para Saussure, o sistema proposto por August Schleicher (1821-1868) era diferente, ele admitia em cada série vocálica dois graus de reforços produzidos pela adjunção de uma ou duas vogais “a”, tendo construído para a série do “a” três termos: a, aa e āa.

Saussure notou ainda, que esses três graus foram encontrados por Schleicher no grego: “a” é representado ordinariamente por “ε” ex. *ἔδω*, depois por “ο” em *Ποδός* e por “α” em *ἄχων*. O primeiro reforço, ”a” + “a”, representado por “ο” quando produzido em um “ε”, dessa maneira “γέ-γον-α” forma primeiro: *ga-gän-a*; em sânscrito *ḡa-ḡān-a*, ao lado de *έ-γεν-όμην*.” Esse mesmo grau se traduz sob a forma de “ā” e “η” quando há um “α” como base: *ἔλαχν*, *λέλαχα*. O segundo reforço é o “ω”: *ἔρωγα*. O gótico possuiria também os três graus; as outras línguas haveriam fundido os dois reforços.

Segundo Saussure, a árvore genealógica das línguas formulada por Schleicher não foi adotada pela maioria dos intelectuais e não compreendia o período europeu. Além disso, Saussure deixa claro que o “e” das línguas da Europa não tem uma origem comum segundo Schleicher. Particularmente, o “i” gótico, em sua súpula, tem um lugar bem distinto do “ε” grego: essa letra é considerada como representante regular do “a” *indoeuropeu* e do “i” gótico como um enfraquecimento anormal. A partir da abstração da ideia de um desenvolvimento histórico do vocalismo europeu, Saussure formulou o seguinte esquema baseando-se no trabalho de Schleicher:

<i>Indoeuropeu</i>	a	aa	āa
Europeu	a e o	a o ā	ā

É necessário ressaltar que o “*α*” grego e o “*a*” latim não são mencionados como graus reforçados, na interpretação de Saussure sobre o trabalho de Schleicher.

De acordo com Saussure, Arthur Amelung (1840-1874), na obra *Die Bildung der Tempusstämme durch Vocalsteigerung* (1871), tentou aplicar o sistema de Schleicher de uma maneira mais contundente, combinando os dados do “*e*” comum europeu. Saussure nota que, na visão de Amelung, o “*e*” é o único representante normal do “*a*” não reforçado. O “*a*” europeu, no qual também está compreendido o “*o*”, como Saussure menciona que havia constatado Ernest Curtius anteriormente, remete ao primeiro reforço que ele designa por “*ā*”, e o segundo reforço “*â*”, é o “*ā*” longo das línguas da Europa. Como se faz presente no gótico *fara* e no grego *ἄρω* e *ὄζω*, demonstram assim uma vogal reforçada, e, para Saussure, é necessário admitir que são denominativos. Em uma palavra, o dualismo de “*e*” e “*a*” é primitivo e a relação existente entre eles é a de uma vogal simples a uma vogal reforçada.

Tabela organizada por Saussure seguindo a lógica de Amelung.

<i>Indoeuropeu</i>	<i>A</i>	<i>ā</i>	<i>â</i>
(Ariano)	<i>A</i>	<i>a ā</i>	<i>ā</i>
Europeu	<i>E</i>	<i>a</i>	<i>ā</i>
Gótico	<i>I</i>	<i>a</i>	<i>ō</i>
Grego	<i>E</i>	<i>α ο</i>	<i>ā ω</i>

Saussure afirma ainda que o debate entre Amelung e Leo Meyer (1830-1910) sobre essa questão não acrescentou modificação significativa a esse sistema, que foi exposto uma segunda vez de maneira mais detalhada por Arthur Amelung na *Zeitschrift für deutsches Alterthum XVIII* (1875).

Karl Brugmann (1849-1919), no *Studien IX* (1876), faz referência, como constata Saussure em seu *Mémoire*, à existência do “*e*” como vogal distinta de qualquer outra, no período *indoeuropeu*. Sem a pretensão de que originalmente o “*e*” tivesse a mesma pronúncia, ele designa o protótipo “*a1*”. Concomitantemente com essa vogal, Brugmann encontra em grego, latim e eslavo o “*o*”, que equivale em lituano e em gótico ao “*a*”, que também é igual em sânscrito ao “*ā*” (ao menos nas sílabas abertas), um fonema mais forte, cujo nascimento seria provocado por acentuação silábica.

Observando essa teoria, Saussure sugere a seguinte tabela, a qual, segundo ele, Brugman certamente não aprovaria, visto que ele menciona no *Studien IX* (1876) a possibilidade de um maior número de “a” primitivos:

(a)

<i>Indoeuropeu</i>	a1	a2	ā
Europeu	e	a	ā

Em suma, é perceptível que a respeito das línguas do Ocidente, diferentes autores, quaisquer que seja o ponto de vista, no entendimento de Ferdinand, operam com três entidades: o “e”, o “a” e o “ā” das línguas europeias. A tarefa de Saussure na obra *Mémoire* foi a de evidenciar o fato de que na realidade existem quatro termos diferentes e não três; os idiomas do norte permitiram a fusão de dois fonemas fundamentalmente distintos e ainda distinguidos no sul da Europa: “a”, vogal simples oposta ao “e”, e “o”, vogal reforçada que não é nada mais que um “e” em sua mais alta expressão. Há animosidade entre os que apoiam a divisão do “a” primitivo enfraquecido parcialmente em “e” e os que apoiam o duplo “a” nativo a1 e a2 transformados em “e” e “a”. Esse desentendimento, para Saussure, baseia-se no vazio, pois é compreendido sob o nome de “a” das línguas da Europa, um agregado sem unidade orgânica.

A conclusão de Saussure é que essas quatro espécies de “a”, que ele tenta encontrar na base do vocalismo europeu, já pertenciam à língua-mãe, de onde saíram as línguas do Oriente e do Ocidente.

## 2. Os líquidos e nasais sonantes.

Antes de começar uma pesquisa sobre o “a”, Saussure achou indispensável determinar bem os limites de seu domínio, a seguir será apresentada a questão do que ele chamava de líquidos (“l” e “r”) e nasais sonantes (“m” e “n”): pois para ele, qualquer pessoa que admite esses fonemas como parte da língua-mãe considerará uma porção de vogais dos períodos históricos da língua como recentes e estranhos quanto à questão do “a”.

A hipótese das nasais sonantes foi colocada em foco e desenvolvida por Brugman, *Studien IX* (1876, p. 287). No mesmo trabalho (p. 325), o autor tocou

incidentemente no assunto dos líquidos sonantes, cuja primeira ideia, para Saussure é devida, aparentemente, a Osthoff.

### 3. Os líquidos sonantes.

Na língua-mãe indoeuropeia, o líquido, ou líquidos, se é admitida a existência de dois, Saussure acreditava que existia não somente em estado de consoantes, e sim em estado de sonantes, quer dizer que elas eram suscetíveis a acentos silábicos, capazes de formar uma sílaba. O que acontecia, e já era sabido, em tempo histórico no sânscrito. Tudo se baseia na crença de que os líquidos não nasceram de um enfraquecimento, devido ao fato de que o “a” o qual precedia o líquido se encontrava expulso; o que não impede de colocá-lo exatamente na mesma categoria que o “i” e o “u”.

É certo que antes de tudo, analisando o “ṛ” índico<sup>6</sup>, Saussure percebe que corresponde quase sempre em zend (ou avéstico, língua da antiga persa) a um fonema particular, vizinho próximo sem dúvida do “r̥” vogal, conhecido como “ēr̥”: também o “r̥” do período indo-iraniano, naquela época, segundo o linguista não se encontravam mais cétricos sobre o assunto. O antigo persa, com certeza, não oferece nada parecido, a não ser talvez *akunavam* igual a *ákṛṇavam* em sânscrito. Em relação ao termo em sânscrito *kṛtá*, no avéstico *kēr̥ta*, se mostra *karta* e não há neste caso inexatidão na escrita, pois na transcrição do grego é *αρ*, Saussure usa como exemplo, em grego *ἄρξιφος*, que em sânscrito é *ṛgipyá*, em avéstico *ēr̥zifya*, em francês *faucon* e em português falcão.

Os nomes que contém *Ἀρτα-* são menos convincentes por causa do avéstico *asha* que também remete a *arta* apesar de que em sânscrito é *ṛtá*.

Na presença de uma concordância entre o avéstico e o sânscrito, Saussure foi obrigado a admitir que o idioma persa fundiu fonemas diferentes na origem, esse é um dos exemplos mais evidentes da tendência geral das línguas arianas, a monotonia do vocalismo; o iraniano entrega pontos ao sânscrito, porém em sua base, o iraniano ou mesmo o antigo persa foram mais além do que o avéstico.

No que concerne o “r̥” das línguas arianas, Saussure aponta que as línguas da Europa mostram um “r” consoante ou “l” consoante, acompanhado de uma vogal

---

<sup>6</sup> Saussure cita neste caso o idioma índico indo-europeu, do qual, derivaram-se várias línguas da região da atual Índia.

distintamente articulada. Entretanto, essa vogal é, em várias dessas línguas, de tal natureza que seria difícil trazer simplesmente o grupo fônico em que ela se encontra como “a” + “r”, e que tudo diz o oposto, para que ela seja apenas um desenvolvimento epentético ocorrido posteriormente.

Ao “r̥” ariano e *indoeuropeu*, na ideia de Saussure correspondem:

Em grego:	αρ, αλ; ρα, λα
Em latim:	or, ur, (ol)
Em gótico:	a, úr, ul

O eslavo e o lituano – como esclarece Saussure – não conservaram o índice positivo do “r̥”. Pode-se dizer somente que essa última língua o substituiu frequentemente por “ir” ou “il”.

#### 4. Sílabas raiz.

A ordem aqui adotada por Saussure para distinguir as diferentes instâncias em que o “r̥” silábico aparece, é baseado em uma nova classificação das raízes neste período, todavia, ele aprofunda mais esse estudo em seu *Mémoire*.

O foco desse estudo de Saussure limita-se às raízes contendo “e”. Toda raiz que contém “e” nas línguas da Europa tem a capacidade de expelir este “e” e, desta forma, assumir uma forma mais fraca, com a única condição de que as combinações fonéticas assim produzidas podem ser facilmente pronunciadas.

Para serem organizadas entre as raízes que contêm “e” são aquelas em que se encontram nos ditongos “ei” e “eu”, e que Saussure acredita que o falante estaria acostumado a citar sob a sua forma enfraquecida, por uma comodidade na articulação da palavra, sem o “e”: assim, kei, sreu, deik, bheugh (ki, sru, dik, bhugh).

O “i” e “u” dessas raízes, assim como os líquidos e nasais de raízes tais como *derk* e *bhendh*, foram chamados por Saussure de coeficientes sonantes (*coefficients sonantiques*). Na percepção dele, esses elementos concorrem no vocalismo da raiz. Dependendo se o “e” mantém-se ou desaparece, a sua função varia: “r̥”, “l̥”, “m̥” e “n̥”, se desenvolvem de consoantes mudas para sonoras; “i” e “u” passam de um estado

*symphthongue*<sup>7</sup> a um estado *autophthongue*<sup>8</sup>. Saussure cria em sua obra os três grupos de raízes abaixo para classificar e exemplificar fenômenos encontrados em alguns idiomas:

A. Raízes que terminam com um coeficiente sonante.

Exemplos: *kei* (forma fraca *ki*) *sreu* (forma fraca *sru*) *bher* (forma fraca *bhr*) *men* (forma fraca *mn*).

B. Raízes com coeficiente sonante seguido de uma consoante.

Exemplos: *Deik* (forma fraca *dik*) *bheugh* (forma fraca *bhugh*) *derk* (forma fraca *drk*) *bhendh* (forma fraca *bhndh*).

C. Raízes sem coeficiente sonante, terminados em consoante.

Exemplos: *pet* (forma fraca *pt*) *sek* (forma fraca *sk*) *sed* (forma fraca *zd*).

Na concepção de Saussure, as raízes terminadas em “e”, como em grego *θε δε ε*, não devem ser levadas em consideração.

Na forma fraca, dependendo se o sufixo adicionado começa com uma consoante ou uma vogal, o erudito percebeu que as raízes de classe A serão semelhantes aos da classe B ou aqueles da classe C.

Saussure salienta que na classe B, o coeficiente sonante no momento em que ele desaparece, adota necessariamente a função de vogal, uma vez que este se situa entre duas consoantes. O mesmo fato ocorre com as raízes de classe A, quando elas adotam um sufixo que começa com uma consoante: como no caso *mḡ-to*.

Caso o sufixo comece com uma vogal, seu coeficiente sonante adotará a função de consoante, constatou o estudioso, e essas mesmas raízes certamente se assemelharão com as raízes da classe C; tanto no caso de *ε̇-πλ ό-μην*, como no de *ε̇-σχ-ο-ν*.

Tendo em vista o objetivo especial proposto por Saussure, será necessário ressaltar que: ele descobriu o ponto exato em que é esperado encontrar os líquidos sonantes e que a partir deste ponto é possível testemunhar a sua formação; a comparação simples do “r” índico com um “αρ” grego, há apenas um valor precário, caso não seja pesquisado como esse “αρ” originou-se e se existe uma probabilidade de que ele seja um “ar” comum. Onde quer que o “e” venha a aparecer, normalmente, nesses mesmos lugares onde aparece o “i” ou o “u” *autophthongue*, de acordo com a

<sup>7</sup> Glossema temático-centrífuco.

<sup>8</sup> Glossema temático-centrípeto.

pesquisa de Saussure, os líquidos sonantes devem regularmente existir ou ter existido, se a posição das consoantes obrigou-os a trabalhar como vogais.

#### 4.1. Formações verbais

Saussure acredita que o aoristo<sup>9</sup> temático, considerando a sua forma, coincide com o pretérito imperfeito da sexta classe verbal das gramáticas hindus. O que ele questiona é se esta sexta formação remonta aos tempos *indoeuropeus*, o que para Saussure é certo para o este aoristo, porém duvidoso para o tempo presente.

De toda forma, Saussure constata que este aoristo exige a eliminação do “e” ou do “a” nas línguas arianas. Conseqüentemente, as raízes das classes A e C, (como visto anteriormente) o fazem frequentemente em grego como ele nos mostra nesses exemplos:

πελ: ἐ-πλό-μην
(ἐ) γερ: (ἐ) γρ-ε-το

πετ: ἐ-πλό-μην
σεχ: ἐ-σχ-ο-ν
1- σεπ: ἐ-σπ-ο-ν
2- σεπ: ἐνί-σπ-ε

Saussure compreende que nestes exemplos a presença do “ε” atesta a antiguidade desta formação. No que diz respeito ao exemplo ἐνίσπε, ele acredita que não é possível contestar totalmente a ideia que haja um pretérito imperfeito do qual o presente seria ἴ-σπ-ω. Como no caso τέ-τλᾶ-μεν vem da raiz τλᾶ e ἔστᾶμεν da raiz στᾶ; este λα não remonta a um líquido sonante, por isso seria necessário separar desta maneira ἐν-ί-σπ-ε.

Os imperativos σχές e ἐνίσπες, segundo Saussure, foram determinantes para que Curtius admitisse nesses dois aoristos a metátese da raiz, o que nos outros aoristos haveria uma síncope. Saussure cita o trabalho de Osthoff em seu livro *Verbum das in der Nominalcomposition im deutschen, griechischen, slavischen und romanischen*

<sup>9</sup> O aoristo considera a ação do verbo como um ponto (pontilear) e está isenta da idéia de tempo, sendo, contudo, na maioria das vezes, traduzido como o perfeito. Há dois tipos de aoristo: o 1 (ou fraco) que pode ser sigmático ou com a síncope do sigma (assigmático) existindo nas vozes ativa e média e não possui vogal temática; e o 2 (ou forte), que se divide em temático, caracterizado pela vogal temática que une as desinências ao radical e existe nas vozes ativa e média; e o atemático, caracterizado pela ausência da vogal temática, acrescentando-se diretamente as desinências ao radical alongado e existe somente na voz ativa.

(1878, p. 340), no qual declarou-se incapaz de concordar com opinião semelhante relativa ao presente como em *γίγνομαι, μίμνω* e isso baseando-se na convicção de que a deterioração da raiz é absolutamente normal. Além disso, ele se questiona como a metátese concordaria com o vocalismo dos temas *σχε σχο, σπε σπο?* - Esses imperativos seguiram conseqüentemente, a analogia de *θές, ἔς*.

Surpreendentemente, Saussure nota que em sânscrito este aoristo é formado somente nas raízes da classe B, como em *ἔ-πτ-ε-το* o são estranhos; o único traço notável é o da terceira pessoa do plural *kránta* que, ao lado de *ákrata*, também terceira pessoa do plural, segundo ele, parece ter uma forma temática.

Por outro lado, Saussure identifica exemplos abundantes da forma B: *róhati áruhat, várdhati ávrdhat* etc. Em grego *φενγ* torna-se *ἔφηνγον* e *στειχ* torna-se *ἔστιχον*.

Quanto ao estudo do aoristo temático com reduplicação, Saussure não afirma com certeza que os aoristos causadores do sânscrito são imediatamente comparáveis aos aoristos gregos com reduplicação. Porém, ele salienta a existência de aoristos índicos, menos numerosos, os quais coincidem exatamente com as formas gregas, cujo caso o “a” (e) é invariavelmente eliminado.

Em sua tese, Saussure crê que o tempo verbal perfeito *indoeuropeu*, enfraquecia a raiz no plural e no duelo ativo, assim como em todo aoristo médio.

Analisando as línguas itálicas, Saussure destacou que elas uniformizaram demasiadamente a flexão verbal, por isso é esperado encontrar uma alternância de formas fracas e formas fortes. Todavia, é possível que as palavras de mesma etimologia, mas, significados diferentes como *verto* e *vorto* provenham da mesma fonte.

Outras formações do presente nas línguas da Europa, afirma Saussure, que existem apenas traços incertos do “r”, porém ele enfatiza que a palavra *po(r)sco*, em latim é idêntico a *précchami* em índico. Para ele, se a raiz é *prak*, o “r” nasceu do mesmo modo que *ἔτραπον* de *τρέπω*. Para comparar esses dois presentes, ele partiu da ideia de que *posco* é o descendente direto da forma indoeuropeia, livre da contaminação de outras formas verbais, tal pressuposto – segundo Saussure – será sempre perigoso, levando em conta o hábito dos dialetos itálicos de passar o nível do vocalismo da raiz e de propagar uma forma única em toda a flexão. Mas no caso de *posco*, na visão dele, precisamente é uma forma com a qual é possível ter sorte. Com as mesmas ressalvas, ao aproximar *horreo* e *torreó*, este último unicamente no sentido intransitivo, os presentes

índicos *hr̥syati* e *tr̥syati*; estas duas raízes mostram o “e” em formas gregas não enfraquecidas: *χέρσος* e *τέρσομαι*.

#### 4.2. Formações nominais.

Nos idiomas arianos, Saussure deduziu que os verbos do tempo verbal particípio passado passivo terminados em –tá geralmente rejeitam, as raízes das forma A ou B (como visto no tópico 4). Levando esse fato em consideração, em sânscrito *yo* torna-se *yu-tá*, em zend e *dar* torna-se *dērē-ta*. A última parte citada, Saussure aponta que corresponde exatamente em grego, *δαρ-τό* ou *δρα-τό* advindo de *δέρω*, e da mesma maneira *σπαρτός* advém de *σπερ*, *καρτός* advém de *κερ* e (*πάμ-*) *φθαρτος* advém de *φθερ*.

Saussure nota que a adjunção do sufixo –ti também precisa da eliminação do “a” (e) raiz. Ele cita apenas os casos em que a lei deu origem ao “r”.

No caso do sufixo –ú, em regra geral, Saussure contempla o enfraquecimento da raiz, no qual, excluindo as línguas arianas, o “r” produzido reflete fielmente o adjetivo gótico *haur̥sus* (raiz *h̥ers*) o que em sânscrito é *tr̥śú*; Em grego, Saussure acredita que a semelhança não é tão fiel, como em *βραδύς* em sânscrito é *m̥rdú*, *πλατός* ou *pr̥thú*.

Quando as raízes das classes A e B são empregadas sem sufixo, como temas nominais, Saussure percebe que elas expõem o “a” deles (na Europa o “e”).

Em sânscrito, a palavra *k̥r̥mi*, no entendimento de Saussure, corresponde quase sem dúvida, segundo ele, e muito regularmente a tudo que concerne o “r”, em gótico corresponde a *vaurms*; Porém em grego, *ἔλμις* e em latim, *vermis* mostram “e”. A forma dessa palavra tem uma instabilidade notável do resto das demais em seu consonantismo, bem como na vogal raiz: a grafia *krimi* é muito frequente em sânscrito, e *λίμινθες*; *ἔλμινθες* e *Πάφιοι* nos dá a forma correspondente em grego.

#### 5. Sílabas sufixais.

Substantivos de relacionamento e os substantivos agentes terminados em –ταρ, segundo Saussure, eliminam, nos casos fracos o “a” e tem o sufixo que se reduz a -tr, ou, diante de desinências começando por uma consoante, em -tr̥.

A palavra com terminação em –ar, seria o primeiro membro de um composto, é necessário, segundo o autor do *Mémoire*, esperar que possivelmente ela assumira a forma

fraca, como no índico *bhrāṭṛ-varga*. Talvez, para ele em grego, no caso de *ἀνδρά-ποδο-*v, seria, como pretendia Brugman, em sua obra *Zur Geschichte der stammabstufenden Deklinationen. Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik 9* (1876, p. 363) uma última amostra deste tipo de formação.

No nominativo singular acentuado de alguns neutros, Saussure nota que há o aparecimento de um sufixo *-r* ou *-r-t*, o que originou em sânscrito, *yakṛt*, e que corresponde em grego a *ἦπαρ*, por sua vez em latim, *jecur*. No entanto, todos os neutros gregos, não remontam a uma forma terminada em *r*: *οὔθαρ*, por exemplo, corresponde a *ūdhar* em védico, e seu “α” não é anaptítico<sup>10</sup>.

## 6. Nasais sonantes.

Enquanto o líquido sonante manteve-se ao menos na língua antiga da Índia, Saussure nota que as nasais sonantes desapareceram completamente do território *indoeuropeu* (deve ser levado em conta que, segundo o escritor da obra, essas nasais sonantes reapareceram novamente em diversas línguas antigas e modernas). É importante ressaltar que o líquido, ao deixar de ser sonante, não deixou de existir; limitou-se a assumir a função de consoante. O destino das nasais foi outro, no grego ou nas línguas arianas: transformaram-se em um fonema vocálico, eles sucumbiram a eles mesmos, e o fonema em questão veio se confundir com o “a”.

Este “a”, para Saussure não há nada que o distinga em primeiro contato nem em sânscrito nem em zend. Em grego, Saussure pôde felizmente reconhecer mais facilmente, pois o “a” encontra-se em oposição a um “ε” raiz (*τείνω - τατός*).

Nas línguas congêneres, a nasal é conservada; conseqüentemente, Saussure percebeu que a vogal que se desenvolveu diante dela pegou, em outras línguas, a nuance “e”; e muitas vezes, segundo ele é impossível saber se o grupo “en” realmente substituiu a nasal sonante.

Saussure salienta que trabalho de Brugman, no qual essa teoria foi exposta *Studien IX* (1876), oferece materiais consideráveis a quem deseja estudar a questão; porém, em sua dissertação, o estudioso reuniu os principais fatos relativos aos líquidos e organizou as seguintes informações concernindo os diferentes fenômenos advindos das nasais sonantes:

<sup>10</sup>Anaptixe: intercalação de uma vogal ou semivogal entre dois sons para lhes facilitar a pronúncia

<i>Indoeuropeu</i>	ŋ [ŋ]	ṃ		<i>Indoeuropeu</i>	ŋ [ŋ]	ṃ
Ariano	a	A		Latim	en	em
Grego	α	Α		Paleo-eslavo	ę	ę
Gótico	un	Um		Lituano	in	im

As nasais sonantes podem ter se originado de duas maneiras segundo Saussure: seja pela queda de um “a”, o que para ele sempre ocorre com os líquidos sonantes; ou pela adjunção a um tema consonantal de uma desinência iniciada por uma nasal.

### 7. A vogal “a” das línguas do norte possui dupla origem.

Saussure levanta os questionamentos tais: como seria possível o “a” e “o” das línguas do sul terem surgido do mesmo “a” primitivo? Por meio de que milagre este “a” antigo teria sido colorido em “o”, e nunca em “a”, precisamente em todas as ocasiões em que a vogal “a” é encontrada em companhia de um “e”? Saussure concluiu que o dualismo entre o “a” e “o” das línguas clássicas é próprio delas, e é necessário que no “a” único do norte dois fonemas sejam fundidos.

A confirmação de Saussure é encontrada quando uma raiz contém “a” em grego ou em latim, e que essa raiz é encontrada nas línguas do norte, ele observou em primeiro lugar que ela mostra a vogal “a”, que o mesmo não alterna com o “e”, como é o caso quando em grego corresponde a um “o”.

Neste estudo, Saussure concluiu que Brugman, designou por  $a_1$  o protótipo do “e” europeu; e  $a_2$  é o fonema que Saussure reconheceu como “o” até então. Quanto ao terceiro fonema o “a” greco-italico, que constitui uma metade do “a” das línguas do norte, Saussure o designa pela letra A, afim de enfatizar que ele não é parente nem do “e” ( $a_1$ ), nem do “o” ( $a_2$ ). Abstraindo-se temporariamente dos outros tipos de “a” possíveis, Saussure concebe a seguinte tabela:

Línguas do Norte	Estado Primordial	Greco-italico
e	$a_1$	e
a	$a_2$	o
	A	a

## 8. Função gramatical dos fonemas a e ɔ. Sistema completo das vogais primordiais segundo Saussure.

Saussure acata os seguintes casos de permutação,  $a_1 a_2$ : Em gótico, ele usa os exemplos *hlifa hlaf*, em grego *κλέπτω κέκλοφα* e *ἵππος ἵππε*. Ele os compara aos seguintes casos de permutação  $A\bar{A}$ : Em gótico, *saka sōk*, em grego *λάσχω λέλῶκα* e *νύμφᾱ νύμφᾶ*, o estudioso sentiu-se tentado a configurar a seguinte correlação  $\bar{A}$ :  $A = a_2$ :  $a_1$ . Todavia, ele acreditava que ao fazê-lo, ele se engajaria em uma via sem saída e desprezaria o verdadeiro caráter dos fenômenos. Para maiores esclarecimentos, Saussure construiu um sistema de vogais, tal qual ele apreendera.

Primeiramente, Saussure preocupou-se em analisar as vogais raízes. Para ele, o fonema  $a_1$  é a vogal raiz de todas as raízes. Este fonema por si só pode formar o vocalismo da raiz ou pode ser seguido por uma segunda sonante, o que ele chamou de coeficiente sonante (*coefficient sonantique*).

Sob condições desconhecidas, Saussure percebe que  $a_1$  é substituído por  $a_2$ ; em outros casos,  $a_1$  é eliminado. Quando  $a_1$  é cai, a raiz permanecerá sem vogal caso não haja coeficiente sonante, segundo a pesquisa de Saussure em seu *Mémoire*. Caso contrário, ele observa que o coeficiente sonante se revelará em um estado *autophthongue*, e fornecerá uma vogal à raiz.

Saussure afirma que os fonemas A e Q são coeficientes sonantes. Eles não aparecerão sozinhos, exceto no estado reduzido da raiz. No estado normal da raiz, é necessário que eles sejam precedidos por  $a_1$ , e dessas correlações  $a_1 + A$  e  $a_1 + Q$ , resultam no surgimento  $\bar{A}$  e  $\bar{Q}$  alongados. A permutação  $a_1: a_2$  diante de A e Q assim como em outros casos. Saussure elaborou essa tabela para sistematizar o sistema das vogais primordiais no *indoeuropeu*.

Raiz plena	$a_1$ $a_2$	$a_1i$ $a_2i$	$a_1u$ $a_2u$	$a_1n$ $a_2n$	$a_1m$ $a_2m$	$a_1r$ $a_2r$	$a_1A$ $a_2A$	$a_1Q$ $a_2Q$
Raiz reduzida	–	-i	-u	-ŋ	-m̄	-r̄	-A	-Q

Designações úteis:

Para  $a_1A$  e  $a_1Q$  após a contração:  $\bar{A}1$  e  $\bar{Q}1$ .

Para  $a_2A$  e  $a_2Q$  após a contração:  $\bar{A}2$  e  $\bar{Q}2$  e assim sucessivamente.

A teoria resumida na tabela acima foi aplicada para todas as espécies de raízes, exceto às que contêm A e Q.

Concernindo as raízes com A e Q, Saussure aponta em sua dissertação que para distinguir uma da outra, uma das duas formas pode assumir a raiz plena dependendo se o “a” raiz é  $a_1$  ou  $a_2$ . Saussure chamou a primeira de grau 1 (estado normal) e a segunda de grau 2, com isso, ele não afirma que uma forma é reforço da outra.

## Conclusão

O *Mémoire* de Saussure descreve ainda vários temas sobre o vocalismo e a evolução das vogais e as possibilidades que levaram a essas evoluções. Este artigo objetiva mostrar de forma sucinta os procedimentos observados por Saussure para desenvolver sua reconstrução interna no *protoindoeuropeu*, é importante frisar que seu objetivo principal, como ele deixa claro no estudo, era estudar as diversas manifestações do “a” *indoeuropeu*.

Etudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'*a* indo-européen, tel est l'objet immédiat de cet opuscule : le reste des voyelles ne sera pris en considération qu'autant que les phénomènes relatifs à l'*a* en fourniront l'occasion (SAUSSURE, 1878, p. 1).<sup>11</sup>

As consoantes propostas por Saussure foram relacionadas com as semíticas (línguas faladas pelos povos semitas, judeus ou hebraicos) por Hermann Möller, estudioso dinamarquês, no ano seguinte a publicação do *Mémoire*, e, posteriormente, foram conhecidas como consoantes laríngeas; a posição delas no sistema fonológico do *protoindoeuropeu* e *pré-indoeuropeu* foi, posteriormente, uma das questões intrigantes da linguística indoeuropeia. Inspirado no trabalho de Saussure, Möller referiu-se ao *schwa*, em fonética o som é representado por um “e” invertido, combinado com as vogais originais da raiz hipotética do *indoeuropeu*. Essa teoria ficou conhecida como Saussure-Möller (BOUISSAC, 2012, p. 47).

A consoante fantasma na obra chamada de coeficiente sonante, representada por A e Q no que Saussure chamou de sistema completo das vogais primordiais, foi hipotetizada por ele neste estudo por meio de simples raciocínio. Alguns linguistas,

<sup>11</sup> Estudar as formas múltiplas sob as quais se manifesta o chamado “a” indo-europeu, tal é o objeto imediato dessa dissertação: o resto das vogais será considerado apenas quando os fenômenos relativos ao “a” proporcionarem a ocasião.

mais tarde, compararam o feito dele nesta obra com a conquista científica da descoberta do Planeta Netuno em 1846, feita pelo astrônomo francês Urbain Le Verrier (1881 – 1877), que através de cálculos matemáticos especificou a localização precisa do planeta, confirmado poucas semanas depois pelo observatório de Berlim (Bouissac, 2012, p. 48). A hipótese de Saussure foi confirmada após a descoberta do hitita, a mais arcaica das línguas indoeuropeias, por Jerzy Kurylowicz - linguista indo-europeísta polonês em 1927 – no qual apontou que as consoantes hititas transcritas com “h” correspondiam a alguns cognatos que Saussure sugerira puramente com base na análise fonológica de padrões morfológicos (LEHMANN, 1967).

### Referências

BENWARE, Wilbur A. *The Study of Indo-European Vocalism in the 19th century: From the beginnings to Whitney and Scherer*. Amsterdam: John Benjamins Pub. 2 ed, 1974.

BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para os perplexos*. Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.

Dicionário de Linguística da universidade de Rennes 1. Disponível em: <<http://resume.univ-rennes1.fr/definitions.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

GOMES JUNIOR, Odimar. Apostila de Grego do GIB. Disponível em: <<http://www.pibsg.org.br/gib/grego7gib.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2016

LEHMANN, Winfred P. *A Reader in Nineteenth Century Historical Indo-European Linguistics*. Indiana: Indiana University Press, 1967. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/read16.html>>. Acesso em: 17 jan. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leisick: Tbg, 1879.